

**Esta Loucura de te Amar<sup>1</sup>**

**João de Mancelos**

**Três contos do livro**

---

<sup>1</sup> Mancelos, João de. *Esta loucura de te amar*. Lisboa: Colibri, 2022. 92 pp. ISBN: 978-989-566-210-4.

### **A rapariga que lia para os mortos**

Tinha apenas 17 anos, quando decidi seguir as passadas de meu pai e tornar-me coveiro. Pode parecer, ao leitor, uma estranha escolha, sobretudo para um jovem alegre e despreocupado como eu era. Por que enveredei, então, por essa forma de vida tão peculiar? Garanto-vos que não sentia nenhum mórbido fascínio pela morte, com os seus cortejos de parentes enlutados e lacrimojantes, os trajes negros e o silêncio de pedra. Pelo contrário, a dor, a melancolia e o abandono deprimiam-me. Por isso, experimentava uma genuína empatia por quem tivesse perdido um ente querido. Era sempre com sinceridade que lhes apresentava os meus pêsames — e isso confortava-os.

O que me seduzia naquela profissão era ser tranquila e desapressada como a própria eternidade. Havia uma compostura digna em todos os intervenientes, uma ordem específica, há muito ritualizada, em cada gesto ou palavra. Em suma, tirando os ocasionais percalços do carro funerário chegar atrasado, do forno crematório arder ou de um parente esmurrar outro por causa do testamento, não havia surpresas a registar.

No entanto, houve um facto extraordinário que marcou decisivamente a minha carreira de coveiro. Permito-me partilhá-lo com o leitor, para que não caia no esquecimento. O caso deu-se no meu primeiro ano de coveiro, em 1983, era eu ainda um aprendiz do ofício, a labutar lado a lado com o meu pai. Nessa jornada, coube-me encerrar o cemitério, ao final de uma tarde tépida e outonal. Apreciava, em particular, a placidez do ocaso, quando a luz do sol doira as lápides, o vento agita as flores já fanadas, a quietude desce sobre o mundo e se escuta o chilrear dos pássaros, preparando-se para a noite.

Como de costume, a meia hora do fecho, fiz soar a sineta, para avisar os visitantes, e dei um último giro por entre as campas e jazigos, não fosse algum idoso surdo não ter ouvido o toque. Já sucedera algumas vezes, acreditem. Não foram poucos os que, em pânico, desataram a gritar desalmadamente, perante a tenebrosa expectativa de passarem a noite entre as mesmas lápides e cadáveres onde, minutos antes, haviam rezado.

Foi, então, que a vi. Era uma rapariga bonita, a pele seráfica, o cabelo negro e longo, envergando um vestido azul-bebé, fora de moda. Encontrava-se sentada na esquina de uma campa de mármore, há muito ao abandono. Na mão direita, segurava um livro de bolso, de folhas amarelecidas; a esquerda descrevia gestos graciosos, como um maestro a reger uma orquestra. Numa voz melodiosa, numa cadência lenta, declamou: “Sou aquela que passa e ninguém vê ... / Sou a que chamam triste sem o ser ... / Sou a que chora sem saber porquê ... / Sou talvez a visão que Alguém sonhou, / Alguém que veio ao mundo pra me ver / E que nunca

na vida me encontrou!”

Fiquei tão perturbado que pensei tratar-se de uma rapariga fantasma, embora não acreditasse em espíritos. A jovem, ao dar pela minha presença, pareceu adivinhar-me o pensamento e gritou:

“Buuu!”

Instintivamente, recuei um passo. Ela soltou uma gargalhadinha e sossegou-me:

“Não tenhas medo.”

“Desculpa. Assustei-me. Não é costume ver alguém a declamar para os mortos.”

“Não é um defunto qualquer. É a minha avó preferida.”

“Vens visitá-la muitas vezes?”

Encolheu os ombros:

“Sempre que posso.”

“Como sabes os gostos da tua avó?”

“É fácil: herdei as estantes dela. Prateleiras e mais prateleiras com livros de poemas, como este.” Exibiu a capa: *Livro de Mágoas*, de Florbela Espanca. “Costumas ler?”

“Nem por isso.”

“Não sabes o que perdes. A minha avó morreu aos quarenta anos, quando a biblioteca municipal ardeu. Trabalhava lá.” O semblante turvou-se-lhe. “Às vezes, penso que preferiu arder a abandonar os livros.”

Ergueu-se da campa, sacudiu o pó do vestido, enfiou o livro numa sacola castanha e pô-la a tiracolo. Quando se aproximou de mim, reparei que tinha os olhos azuis-cobalto, uma cor tão rara que apenas a vi uma vez, num bebé.

“Não sabia que tinha havido um incêndio”, disse-lhe.

“Foi em 1968. Neste talhão do cemitério, foram sepultados o diretor, a bibliotecária, que era a minha avó, e onze outras pessoas.”

“Não fazia ideia!”

“Devias saber. Não és o coveiro?”, apontou para o dístico na lapela do meu casaco.

“Coveiro-aprendiz”, corrigi.

“Vem comigo.” Deu-me a mão. Corei, de imediato. “Vou mostrar-te.”

“Mas eu tenho de encerrar o cemitério.”

“É assim tão urgente? Tens medo que algum morto fuja?”

Percorremos juntos um caminho entre jazigos escurecidos pelo rodar das estações e cobertos de verdete. A rapariga tinha uma forma engraçada de andar, aos pulinhos, como um pardalito, sem me largar a mão. Cheirava a cedros e a madressilva. Apontou uma campa rasa, assinalada por uma cruz singela.

“Aqui, está sepultada uma menina que ficou presa na cave quando o fogo começou.”

“Como sabes?”

“Li nos arquivos da biblioteca nova. Na altura, a tragédia fez as parangonas dos jornais. Anda, vamos ver outra.”

Mostrou-me um jazigo, com um frontão triangular, um escudo brasonado, duas colunas jónicas, à entrada, e uma epígrafe: “parvus et magnus ibi sunt”.

“Apresento-te o diretor da biblioteca e os seus familiares.”

Apontou para mais alguns túmulos, quase todos humildes, olvidados, afundando-se, ano após ano, no ventre da terra. Não fosse o incêndio e talvez aquelas pessoas ainda estivessem entre nós, tricotando gorros para os netos, viajando em excursões para observarem as amendoeiras em flor, redigindo memórias. A rapariga parou, de súbito, e agachou-se:

“Sabes qual é a sepultura mais bonita? É esta, de um casal.”

Dois anjos de pedra, quase da estatura de adultos, erguiam-se junto à lápide. A asa de um já se quebrara. O outro estava inclinado, como se desejasse encostar-se ao ombro do seu par. Há muito que ninguém cuidava da campa: não havia velas, nem flores. Possivelmente, os familiares teriam emigrado para França ou falecido. Os nomes dos esposos eram ilegíveis. Esfreguei a lápide com o cotovelo, sem êxito. A rapariga explicou:

“Saltaram os dois da janela do terceiro andar, abraçados, para evitar as chamas.”

“Juntos até à morte.”

“Ela estava grávida de uma menina.”

Senti um calafrio percorrer-me. A adolescente perguntou:

“Tens medo da morte?”

“Algum.”

“Porquê?”

“Não sei o que há do outro lado.”

“Dizem que é a eternidade.”

“O infinito assusta-me. Já imaginaste? As mesmas pessoas para sempre, cada vez mais recordações, não ser capaz de esquecer.” Engoli em seco. “Deve ser terrível.”

“Nunca tinha pensado nisso.”

“E tu? A morte não te mete medo?”

“Não.” Fitou-me, deveras séria. “Mas há uma coisa que me aterroriza.”

“O quê? Incêndios, terramotos, furacões?”

“Nada disso.” Hesitou e desviou o olhar. “É morrer sem ser beijada.”

“Que idade tens?”

“Quinze.”

“Oh, ainda vais muito a tempo!”

“E se partir aos dezasseis?”

“Pouco provável, não achas?”

“Mas possível. Diz-me: a que sabe um beijo de rapariga? A uvas? A amoras? A cinza?”

Emudeci. Nunca tinha experimentado o ósculo de nenhuma.

“Não sabes, pois não, coveiro-aprendiz?”

Acenei negativamente.

“Tens pavor de mim, da morte, do infinito. Diz-me: também tens medo de um beijo?”

Antes que eu tivesse tempo de replicar, segurou-me o rosto entre as mãos e beijou-me longamente. Não de forma delicada, como outras raparigas que viria a conhecer, mas com sofreguidão. No fim, mordeu-me o lábio inferior. Doeu. Levei a mão à boca. Sangrava.

Ela murmurou:

“Sabe a sangue, um beijo de rapariga. Como a vida.”

Pousou a mão na fivela do meu cinto. Senti o desejo percorrer-me. Ia a retribuir o ósculo roubado, mas ela afastou o rosto:

“Anda lá. Tens de fechar o cemitério.”

Olhei para o relógio. Já passava da hora. Acompanhei-a, em silêncio, até aos tristes portões de ferro forjado. À despedida, a adolescente tirou o livro da sacola e entregou-mo.

“Quero que fiques com isto e o leias. Prometes?”

“Combinado.”

Sorrii e beijou-me a face, um ósculo casto, de irmã. Contemplei-a enquanto se afastava pela rua ladeada de ciprestes até se sumir entre as sombras de outubro e as folhas cadentes. Guardei o volume no bolso do casaco. Passados quarenta anos ainda o conservo. Perdi a conta às vezes em que o li. Amareleceu ainda mais com o tempo e um dos cadernos descoseu-se. Porém, graças a ele, tornei-me num leitor ávido.

Não tive oportunidade de devolver o livro à rapariga, porque nunca mais a vi. De qualquer forma, acalento uma suspeita. Revelara-me que uma bibliotecária e doze outras pessoas haviam perecido no incêndio, ou seja, treze indivíduos. Mas, juro-vos, contei e recontei as sepulturas, li os artigos de jornal, e nunca descobri referência a mais de doze. A menos que a bebé por nascer, do casal perecido no incêndio, fosse ela, quinze anos depois. Contudo, não deixo que isto me tire o sono. Foi o meu primeiro beijo e soube-me ao sangue da vida.

### O beijo do íncubo

Naquela noite quente de julho, a rapariga de catorze anos debateu-se com um estranho pesadelo, num limbo entre o acordado e o adormecido. Na semiobscuridade do quarto, vislumbrou, sentado sobre o ventre e as coxas, um demónio. Seria mais pequeno do que um anão. A pele, negra e luzidia, lembrava a de uma barata, dessas que o pai esmagava com o sapato, nos degraus para a cave. Os olhos, húmidos e despojados de qualquer humanidade, evocavam os do tubarão que vira numa visita de estudo ao oceanário, quando era criança. Experimentou um pânico gelado, superior a qualquer um que tivesse vivido.

A jovem tentou desesperadamente agitar-se, de um lado para o outro, mas não conseguia mover um único dedo. Quis gritar pela mãe; contudo, por mais que se esforçasse, som algum lhe brotava da garganta. Custava-lhe tanto a respirar que, por um instante, receou morrer asfixiada. Sentia-se uma marioneta a quem tivessem tesourado os fios.

A criatura poisou com violência as patas nos ombros da rapariga. Debruçou-se sobre os seios dela e inalou o cheiro. Sentia um resto de perfume a lavanda, com um travo de transpiração adocicada, e o odor acre do medo. O demónio lançou a cabeça para trás, excitado. Deitou a língua de fora e lambeu o pescoço da jovem, deixando um rasto gélido. Ela reuniu todas as forças e conseguiu estrebuchar um pouco, enojada. Contudo, não lograva libertar-se daquele bizarro ser.

Em seguida, o demónio encostou a cabeça à face da adolescente. Mordiscou-lhe o lóbulo, apreciando a brancura tenra. Ela sentiu uma dor igual à de furar as orelhas para pôr brincos. Um gemido ficou-lhe preso na garganta. A língua bifurcada daquele ser percorria cada curva da concha do ouvido, num ruído ensurdecido, como a maré em dia de equinócio. Não parou até a baba, amarela, escorrer pelo pescoço da jovem.

A criatura abriu os lábios. Um hálito a peixe podre atingiu a rapariga. Quando esta tentou gritar, o demónio aproveitou a oportunidade e inseriu a língua, com um golpe rápido, na boca dela. Queimava tanto como um chá a ferver que alguém, imprudentemente, bebesse, sem sondar a temperatura. A língua rodopiou dentro dela, sôfrega, deixando um sabor escaldante. Quando ele se saciou, a jovem teve de conter o vômito. Sabia que, se regurgitasse, asfixiaria. Paralisada, chorou em silêncio.

Nas férias do verão anterior, praticara alpinismo com um grupo de adolescentes, orientados por um instrutor de vinte e poucos anos, invulgarmente destro e com experiência na área. Numa manhã de julho, conquistavam uma escarpa pedregosa, com as cautelas timoratas de principiantes, mas também a natural curiosidade. As condições para a prática daquele

desporto eram perfeitas: pouco calor, apenas a brisa afastando os insetos e visibilidade máxima. Sob eles, estendia-se um vale verdejante, retalhos de campos de cultivo orlados pelo bosque escuro.

De súbito, um pitão soltou-se da fachada, com um estalido metálico. A adolescente soltou um grito que ecoou pelo vale. Mergulhou cinco metros no abismo, arranhou o cotovelo e os joelhos na vegetação que cobria a encosta. Encontrava-se presa apenas pela corda de segurança ao arnês. Baloçava, agora, perigosamente, no vazio, como um pêndulo. Tombou sobre o grupo um silêncio de expectativa.

O monitor procurou disfarçar a aflição com uma voz falsamente tranquila:

“Estás bem?”

“Magoei-me num braço e nas pernas.”

“Partiste alguma coisa?”

A rapariga contemplou o cotovelo esfolado, mas não se atreveu a inspecionar os joelhos, pois isso implicaria ver o abismo.

“Acho que não!”

“Muito bem. Vou dar-te trinta segundos para sentires todo o medo do mundo.”

“O quê?”

“Ouviste bem. Imagina-te a cair. Depois, vais fazer exatamente o que te disser.”

A rapariga e os restantes alpinistas estranharam esta ordem inusitada. No entanto, ela obedeceu. Imaginou a corda de segurança a roçar numa pedra, a esfiar-se, a partir. Em seguida, o seu corpo a tombar no vazio, observado em plano picado por uma ave, a ferir-se nas rochas, até se transformar num ponto e, por fim, numa nuvem de poeira. Sentiu o pânico percorrer cada fibra de si, a transpiração gelada na testa, as mãos inchadas como balões.

Exatamente meio minuto depois, o monitor despertou-a da letargia:

“Basta! Já deste uma oportunidade ao medo. Agora, é a altura de agires. Mantém-te agarrada à corda de segurança e não te mexas, para não baloiçares mais, certo?”

“Certo!”

“Vou puxar-te o mais devagar que conseguir. Quando estiveres perto da parede, usa os pés de gato.”

A rapariga tinha a garganta seca como cortiça. Sentiu-se elevar, paulatinamente, com puxões firmes. Procurou controlar a respiração. Por fim, atingiu o cimo da escarpa. Abraçou o monitor, aliviada, e o grupo aplaudiu-a. Salvava-se.

Quando todos atingiram o cume, ainda sob o efeito da adrenalina, o monitor não desperdiçou a oportunidade. Pediu-lhes que se sentassem na relva, em semicírculo, e transmitiu-lhes esta lição:

“É fácil perder a calma, numa situação como esta. Mas o maior inimigo de um alpinista é o *pânico*. Deem a vocês próprios a oportunidade de o sentir, durante uns segundos. Depois, parem! Ganhem coragem. Porque quem controlar o medo terá uma hipótese de sobreviver, mesmo que seja mais pequena do que uma unha negra.”

Naquele momento, tão longe do abismo, na semiobscuridade, a jovem recordou as palavras do instrutor de escalada. Já dera uma chance ao medo. Agora, havia que pôr o instinto de sobrevivência a funcionar. Porque o corpo parecia irremediavelmente encarcerado, foi a sua imaginação que se libertou. Respirou fundo, a custo, fixou o olhar no teto, procurando abstrair-se. Sentia que flutuava acima do leito, como uma bola de sabão.

Conseguia observar-se sobre a cama, prostrada, com o pequeno demónio de pele de inseto sobre si. Era ela, mas não era ela: apenas uma imagem de si. E se a criatura a violasse? E se, por fim, saciado, desferisse o golpe de misericórdia? Tinha de dar tudo por tudo. A rapariga concentrou-se de novo e regressou ao corpo, fazendo-o estremecer ligeiramente.

Num rompante, o monstro lançou o cobertor e o lençol que a cobriam para o lado. Puxou para cima a longa camisola de manga-curta que a jovem usava para dormir. Olhou-a, guloso. Debruçou-se sobre ela. Lambeu-lhe as coxas. A rapariga tentou gritar, aterrorizada. As garras arranharam-lhe as pernas, como a queda abrupta durante a escalada, no verão passado.

A garganta ardia-lhe ainda do beijo do demónio. Contudo, para sua surpresa, descobriu que conseguia murmurar, numa voz que não parecia a sua:

“Para. Imploro-te!”

O demónio contemplou-a, estupefacto, como se escutasse um animal a falar.

A rapariga balbuciou:

“Por que me estás a fazer isto?”

O monstro repetiu as suas palavras, numa voz rouca, omitindo algumas sílabas, sem compreender o significado.

“Por favor”, insistiu a adolescente.

Irritada, a criatura pôs-se a seu lado, na cama, e virou-a violentamente de costas, como quem faz girar uma canoa ao contrário. Sentou-se sobre ela. A jovem sentiu todo o peso dele sobre si. Custava-lhe ainda mais a respirar. Ele puxou-lhe os cabelos para trás, pôs-lhe o rosto de lado e lambeu-lho, demoradamente. Em seguida, arranhou-a com uma pata, do pescoço até ao cóccix. Um amante excitado, tirando prazer da surpresa e da dor dela.

“Pensa, pensa, pensa”, repetiu a rapariga para si, como um mantra.

Tentando abstrair-se do pânico, na semiobscuridade do quarto, verificou que estava a pouco mais de meio metro do candeeiro da mesinha de cabeceira. Se conseguisse acender a luz, talvez o pesadelo findasse. Procurou mover o braço. Sentia os músculos entorpecidos, incapazes



de lhe obedecerem. Bateu ligeira, mas repetidas vezes, com o braço no colchão, procurando despertar da letargia. Por fim, conseguiu esticá-lo um pouco. A dor era excruciante, mas avançou alguns centímetros, muito a custo.

O demónio afastou-se na direção dos pés da jovem, puxou-lhe a *t-shirt* para cima e afastou-lhe as pernas. Instintivamente, ela soube que a criatura a iria sodomizar. Reuniu todas as forças. A sua vida dependia de um único gesto. Mais um centímetro, apenas isso. A dor era tanta que parecia que o braço lhe estava a ser arrancado. Tateou o interruptor. Deixou-o escorregar. Esforçou-se de novo. Por fim, acendeu a lâmpada.

Num ápice, o peso de chumbo nas suas costas desapareceu. A adolescente inalou o ar morno e a tresandar a suor do quarto. Engoliu em seco. A garganta ainda lhe ardia. Forçou-se a abrir os olhos. A luz branca era agressiva para as íris, por um lado, mas tranquilizava-a, por outro. Virou-se de frente e, a custo, sentou-se no leito.

Contemplou o quarto: não vislumbrou vivalma. O demónio esfumara-se. O leito estava em desalinho, com os lençóis tombados no chão e o cobertor junto ao tapete. A camisola de manga-curta estava enrodilhada na cintura, expondo-lhe a nudez. Tinha mapas de transpiração nos sovacos.

A memória do episódio agonizou-a. Precipitou-se para o quarto de banho. Abriu a tampa da sanita e vomitou, nauseada de pensar na língua do demónio a percorrê-la. Poisou as mãos no lavatório e contemplou-se demoradamente ao espelho: tinha os olhos inchados do choro, o cabelo em desalinho e a tez de uma palidez seráfica. Nunca experienciara um pesadelo tão vívido, nem brutal. Passou o rosto por água fria. Lavou a boca e bochechou com elixir dental, que fez arder as gengivas.

Sentia-se febril. Um duche fresco faria baixar a temperatura e ajudá-la-ia a relaxar. Despiu a *t-shirt* e colocou-a no banquinho da casa de banho. Ia a abrir a porta do chuveiro, quando se olhou, de relance, ao espelho. Horrorizada, verificou que apresentava as costas em ferida. Tinha os três longos e vermelhos arranhões de uma garra.

### Três tarefas para cumprir antes de morrer

Quando tinha treze anos, convenci-me de que não iria viver tempo suficiente para soprar as catorze velas do meu bolo de aniversário, na primavera. Nunca tivera propensão para a morbidez, até àquela altura. Era visto, na família, na escola e no círculo de amigos, como um jovem bem-humorado, embora introspetivo. Contudo, de um momento para o outro, a morte passou a obcecar-me, dia e noite, provocando-me náuseas e insónias.

Tudo aconteceu quando uma colega da minha turma faleceu, em circunstâncias assustadoras. Foi assassinada pelo irmão mais novo, um rapazinho de sete anos, vivaço e hiperativo. Uma tarde, tiveram uma briga violenta por causa da maldita consola de videojogos. A rapariga entendia que era a sua vez de brincar com ela; o menino reclamava o mesmo direito. É claro que a mana venceu a disputa, por ser mais velha e forte.

O rapazinho decidiu, então, vingar-se, pregando-lhe um valente susto. Foi à garagem buscar uma pistola de pregos do pai. Já o vira usar inúmeras vezes aquela ferramenta. Produzia um ruído seco, semelhante ao de uma bala, quando disparava. Nunca lhe passou pela cabeça magoar a irmã. Pretendia apenas aproximar a pistola dela, a cerca de dois palmos, premir o gatilho, disparar e rir-se do salto dela.

O mano acercou-se por trás da mana, pé ante pé, de arma em punho. A menina encontrava-se no sofá, absorvida pelo jogo, a pulverizar asteroides e a destruir naves alienígenas, pelo que não deu por nada. O rapazinho apontou para a nuca dela e premiu o gatilho. Um prego de aço saiu, disparado à velocidade de 426 metros por segundo. Perfurou a caixa craniana da rapariga e alojou-se-lhe no cérebro, produzindo uma morte quase instantânea.

Por um segundo, o mundo parece ter desacelerado, como num filme em câmara lenta. Com o impacto, a cabeça da jovem foi violentamente empurrada. A rapariga perdeu o equilíbrio. Tombou sobre a mesinha de mármore, quebrando-a. Do ferimento, do nariz e da boca, jorrou-lhe um sangue vermelho e espesso. O corpo dela estremeceu e, depois, volveu-se em pedra para sempre. No ecrã, uma voz eletrónica anunciou: “Game Over”.

O menino demorou alguns instantes a perceber que calculara desastrosamente a potência do disparo. Em choque, deixou cair a pistola de pregos, recuou dois passos e desatou num choro convulso. Quando recuperou o fôlego, gritou como um desalmado. Os pais, que estavam na cozinha, precipitaram-se para a sala. E depararam-se com a cena do fratricídio.

O funeral ocorreu três dias após o assassinato, na igreja paroquial. Alguns dos meus colegas e amigos já haviam contactado com a morte, normalmente a dos avós ou de outros parentes de idade. Embora tal fosse doloroso, era expectável, pois não subvertia as leis da

natureza. Contudo, falecer aos treze anos parecia obscuro. O padre que encomendou a alma da rapariga citara, com voz cava, o dramaturgo grego Menandro: “Quem os deuses amam morre jovem”. Fraco consolo.

Fora o meu primeiro encontro com a morte e, por isso, cortante. Ao subir a ala da igreja, fui invadido por uma mescla de curiosidade e horror. A rapariga, no esquife, com um véu de tule cobrindo-lhe o rosto pálido, envergava um vestido quase luminoso. O corpo adolescente, outrora em crescimento, surgia emoldurado por lírios e rosas brancas, que exalavam um odor enjoativo. Lembrou-me uma Bela Adormecida, que beijo algum despertaria.

Nessa noite, tive o pior pesadelo de sempre. A atmosfera do quarto volveu-se gélida. A minha amiga morta surgiu-me sob a forma de um súcubo, um demónio de aspeto feminino, prestes a violar-me. Pairava sobre a cama, nua, contemplando-me. Aproximou o seu rosto do meu e beijou-me à força. Foi como se tivesse um cubo de gelo a queimar-me a boca. Despertei, alarmado, liguei a luz e já não consegui pregar olho.

A ideia de morte tornou-se asfixiante. E se tivesse sido eu a vítima de um crime ou de um acidente? Que memórias guardariam a minha família, os amigos ou os professores? Nunca vivera nada de memorável. Apesar de ter treze anos, as minhas experiências eram similares às de uma criança de nove ou dez. Se eu partisse, esta vida teria sido como um aguaceiro de abril: expectável e desinteressante.

Como seria morrer? Atravessaria um túnel, à semelhança de uma criança que nasce, e desembocaria num oceano de luz ofuscante? Ou aguardar-me-ia outra vida e outra identidade, numa espiral infinda de reencarnações, até atingir a almejada perfeição? E se nada houvesse? Teria consciência, um segundo antes, de que tudo terminara sem glória?

Um serão, sentei-me à secretária do quarto, disposto a elaborar uma lista secreta, intitulada: “três tarefas para cumprir antes de morrer”. Mordi o lápis, enquanto refletia sobre o assunto. Teriam de ser experiências marcantes, é óbvio. Passíveis de serem executadas antes de eu chegar aos 14 anos, daí a dois meses. E deveria cumpri-las numa ordem específica, da mais fácil para a mais árdua.

Ao fim de meia hora, dei a lista por concluída. Reli-a, com gosto. Primeira tarefa: enfrentar o destino, visitando a sepultura da minha colega, para me despedir convenientemente. Segunda: provar o amor, beijando uma rapariga, pois nunca o fizera. Por fim, a terceira: vencer o medo da morte, sentindo a adrenalina de atravessar, a correr, uma autoestrada na hora de ponta.

Na manhã do sábado seguinte, caminhei sozinho até ao cemitério local, com um ramo de rosas brancas. O coveiro indicou-me a sepultura da minha colega. Não foi difícil divisá-la. Era uma campa nova, de mármore branco, com uma lápide anunciando o amor e a saudade dos pais

e do irmão. Senti um arrepio ao imaginar o rapazinho, para sempre traumatizado. A campa, coberta de flores, tinha dois ursinhos. 13 anos: entre a infância e a adolescência.

Basta uma memória ou uma palavra para recordarmos alguém. Como lembraria a rapariga? A fumar mata-ratos atrás do ginásio, com as amigas? A rasgar, furiosa, um teste negativo? Não. Na festa de final de ano, a ler um poema seu, de amor, premiado no concurso escolar. Fora um instante mágico: a voz tremia-lhe, sofrendo cada verso. E, contudo, sorria sempre. No fim, um silêncio mesmerizado. Depois, irrompeu uma salva de palmas.

Depositei o ramo de rosas junto à lápide. A sua fotografia, uma jovem de rosto oval, cabelo escuros, olhos claros e lábios perfeitos, era nítida. Um dia, o sol devoraria as cores e a imagem adquiriria um tom outonal. Rezei por ela. Desejei que repousasse em paz, que perdoasse o mano, que tropeçasse num namorado giro no céu. E, é claro, que não me surgisse, em pesadelos, prestes a sugar-me a alma através de um beijo.

O que me conduzia ao desafio seguinte: beijar uma rapariga. Seria uma experiência nova. Nenhuma colega de turma reparara em mim. Não sou atraente. Não me distingo em Educação Física, nem em qualquer disciplina, excetuando Português. Ocupo o fundo da lista dos rapazes populares. Na escola, eu era simplesmente o aluno invisível.

Como não podia implorar a nenhuma colega o favor de um beijo, pois apanharia uma sonora bofetada ou, pior, seria alvo de troça de toda a turma, havia que recorrer ao engenho. Informei os meus pais que, nessa noite, regressaria mais tarde a casa, para ir ao cinema, assistir a um filme da saga *Harry Potter*.

Dirigi-me à estação de metro mais próxima e comprei um bilhete diário, que me permitisse viajar para qualquer paragem, o número de vezes desejado. Pelas 21:30h, altura em que menos passageiros enxameavam a estação, apanhei um comboio e percorri todas as carruagens. Não tardei a descobrir o alvo perfeito para concretizar a fase dois do projeto.

Era uma jovem bem mais velha do que eu, possivelmente uma universitária, na faixa dos vinte anos. Sentei-me e apreciei-a: bonitinha, loira, magra, sem ser um palito. Vestia um casaco de ganga com pins, uma t-shirt negra, saia de algodão e calçava sapatilhas vermelhas. Dormia a sono solto, embalada pela cadência melancólica do metro. Tinha a cabeça encostada à janela, o cabelo a cobrir-lhe parcialmente o rosto, os lábios entreabertos.

Assegurei-me de que ninguém reparava em mim. O coração trotava, de tão nervoso. Inclinei-me para a frente, como se fosse recuperar algum objeto caído. Depois, num arremesso de coragem, soprei os cabelos dela para o lado, aproximei-me da sua boca e beijei-a durante três segundos. Sabia a pastilha elástica de menta. A rapariga acordou estremunhada. Em pânico, precipitei-me para a porta e saí na primeira paragem.

Um desastre, o meu beijo de estreia. Roubado. Indecente. À velocidade da loucura. Nem

sequer sabia o nome da estranha a quem o surripiei, numa carruagem de metro, ao início da noite. Como relatar, um dia, aos amigos, esse instante duvidosamente romântico? Pior: será que aqueles três segundos (talvez dois) tinham *mesmo* contado como um beijo? Poderia passar ao item seguinte da minha lista? Imaginei que sim.

A terceira etapa do plano era a mais perigosa: atravessar uma autoestrada, em plena hora de ponta, para sentir o sabor da morte. No dia seguinte, pelas dezoito horas, decidi avançar. Apanhei um autocarro apinhado rumo aos arrabaldes da cidade, onde os bairros pardacentos terminam e os baldios se insinuam. Caminhei dez minutos até ao cimo de uma pequena colina. A vista era assombrosa, agora que o sol já declinava.

Lá em baixo, avistei a autoestrada, como uma serpente de alcatrão. Ali, viaturas pressurosas, em duas faixas de cada lado, lançavam-se, com um rugido insano. Engoli em seco e senti um arrepio percorrer-me a espinha. Meu Deus! Conseguiria atravessar, incólume, aquelas faixas? Quase não havia um momento em que as quatro filas estivessem, em simultâneo, desimpedidas, permitindo a minha passagem.

Desci a colina, devagar, saboreando cada momento, que bem podia ser o derradeiro: a brisa morna do final da tarde; o sol coado por algumas nuvens; o pó que as minhas sapatilhas levantavam, na descida. Ao chegar ao rail, sustive a respiração. Olhei para ambos os lados. Era agora! Saltei a barreira e corri, corri, corri como se tivesse o demónio no encalço. Um carro aproximou-se velozmente, buzinando e com sinais de luzes.

Atingi o separador central. Parei para recuperar o fôlego. Tremia de excitação, mas também de terror, inundado por uma maré de adrenalina. Enxotei a vontade de desistir. Debrucei-me sobre o rail, pronto para cruzar as faixas restantes. De novo, corri, desalmadamente, até à barreira do outro lado. Transpu-la. Deixei-me tombar no solo. Estendi-me. Sentia vontade de bradar e de esmurrar o vento. Vencera.

De pálpebras semicerradas, fitei o sol poente. Como a luz que penetra numa máquina fotográfica, aquela imagem permaneceria para sempre. Depois, lenta, a escuridão foi tomando conta do mundo. Por fim, o céu imenso cobriu-me. Luziram as primeiras estrelas. Entre elas, algures, talvez dançasse a rapariga morta. Tão distante e tão comigo.

### Sinopse

*Esta loucura de te amar*, de João de Mancelos, é um conjunto de treze contos que percorrem diversos gêneros literários: romântico, drama, gótico e sobrenatural. As personagens são memoráveis e realistas. Os enredos, onde a estranheza marca presença, primam pela criatividade e pelos finais inesperados. São histórias redigidas num estilo vivo e cinematográfico, que se leem de um fôlego, mas ficam na mente do leitor.